

# Gravidez precoce agrava miséria

Por Eunice Chemano

**A** gravidez precoce constitui um problema crónico em Moçambique, e tem vindo a agravar cada vez mais a situação de pobreza das raparigas, sobretudo das famílias mais carenciadas.

Muitas que engravidam precocemente não têm nenhuma fonte de renda, o que as expõe a uma vida marcada por carências extremas.

Dados do Ministério da Saúde (MISAU) indicam que no último ano foram atendidas, na primeira consulta pré-natal, pouco mais de 1,7 milhões de mulheres grávidas em todo o país, das quais cerca de 400 mil, o correspondente a 22,7%, eram mulheres com idade inferior a 19 anos e pouco mais de 373 mil tinham entre 15 e 19 anos e 16.779 tinham entre 10 e 14 anos. Destas estatísticas, destacam-se as províncias de Nampula, com 22,3%, e da Zambézia, 19,1%.

Jéssica Benigna, de 18 anos de idade, residente no bairro Chamanculo "C", em Maputo, engravidou aos 14 anos. Na altura, frequentava a 9ª classe na Escola Secundária Estrela Vermelha.

Narrou que quando a mãe descobriu que estava grávida, abandonou-a à própria sorte. O seu parceiro, na altura com apenas 16 anos de idade, recusou-se a assumir a paternidade e o único apoio que teve foi da sua avó, que dependia da venda de "badjias" (pastéis feitos à base de feijão-nhamba), para o seu sustendo e de mais três netos.

"Quando engravidei, nem sequer tinha uma fonte de renda. A minha mãe, quando descobriu, no terceiro mês de gestação, não quis saber de mim, todos me viraram as costas, a única pessoa que sempre esteve do meu lado é a minha avó", declarou. Disse que quando ficou grávida era tão nova e não tinha noção do que o futuro lhe aguardava.

Quando as dificuldades começaram a agravar-se, logo após o parto, pensou em várias formas de trabalho para poder incrementar a renda familiar, mas, sem sucesso, teve de habituar-se a dormir sem comer, conta Jéssica Benigna, banhada em lágrimas.

"Procurei trabalho como doméstica e nunca consegui, penso em fazer algum negócio, mas não tenho dinheiro para começar. Em casa, passamos por várias dificuldades, e, por vezes, ficamos sem ter o que comer, hoje, inclusive, não cozinhamos, vamos dormir com fome", avança. Benigna acredita que se tivesse tido conselhos dos mais velhos sobre questões de saúde sexual e reprodutiva, as coisas teriam sido diferentes.

Hoje, pensa em voltar à escola e formar-se, na expectativa de conseguir um emprego, para ajudar a avó e garantir que a sua filha de três anos de idade tenha um destino melhor.



o índice de gravidez precoce ainda é elevado, por conta das uniões prematuras e dos tabus existentes no diálogo entre pais e filhos sobre a sexualidade

## "O desespero"

Rosa Mandlate, residente no bairro da Zona Verde, é a terceira filha de um total de cinco irmãos. Também foi mãe precocemente.

Contou que quando descobriu, com 15 anos, que estava grávida caiu em desespero, um sentimento que tomou igualmente conta dos seus pais.

"A minha mãe é hipertensa, quando soube da minha gravidez, a pressão arterial subiu e o meu pai ficou muito preocupado", recordou.

Avançou que, na altura, o pai estava desempregado e a mãe dedicava-se à venda de pão e a família do pai da criança, quando soube da sua condição, recusou-se a assumir a gravidez, o que a deixou numa situação de incerteza em relação ao seu futuro.

"Quando os meus pais foram informar a família do pai da minha filha sobre a minha situação, eles disseram que a gravidez não era do filho, porque ele era muito novo para engravidar. Eles voltaram para casa e nunca mais tivemos contacto", conta.

Mandlate também abandonou a escola e ingressou no negócio de venda de pão com a sua mãe.

Hoje, com 22 anos de idade, dedica-se à venda de chamussas e afirma não estar em condições de voltar à escola, porque precisa de trabalhar para prover o sustento da filha, que é totalmente dependente de si.

De acordo com o Suplemento Sobre Nutrição do Inquérito Sobre o Orçamento Familiar (2019/2020), publicado em Outubro de 2021, a população moçambicana vive abaixo de um dólar por dia, (60 meticais).

Num universo de cerca de 30 mi-

lhões de pessoas que vivem em Moçambique, cerca de metade com menos de 18 anos (segundo dados actualizados do INE), o IOF 2019/2020 abrangeu 13.656 agregados familiares, com uma média de cinco pessoas por família, nas zonas rurais e urbanas de todo o país.

## "Os índices são preocupantes"

Gizela Azambuja, chefe do Departamento de Saúde da Mulher no Ministério da Saúde (MSAU), em entrevista ao SAVANA, mostrou-se preocupada com o elevado índice de gravidez precoce no país. Avançou que a capacidade produtiva e a autonomia financeira deste grupo social fica afectada pelo facto de muitas raparigas abandonarem a escola durante a gravidez ou após o parto, o que trava as possibilidades de acesso ao emprego.

Segundo disse, apesar de o MISAU oferecer diversos métodos de planeamento familiar para homens e mulheres, bem como informações sobre a saúde sexual e reprodutiva nas unidades sanitárias, através da rádio, televisão e plataformas digitais, o índice de gravidez precoce ainda é elevado, por conta das uniões prematuras, dos tabus existentes no diálogo entre pais e filhos sobre a sexualidade e o uso dos métodos contraceptivos.

"Muitos pais e encarregados de educação pensam que ao conversar sobre a sexualidade com os mais novos, estimulam o início precoce da actividade sexual, o que não é verdade. A informação pode estar nas unidades sanitárias, nas diversas plataformas criadas pelo MISAU, mas, se os pais não dialogam

com os filhos, continuaremos a verificar este cenário", frisou.

A fonte aconselhou os pais e encarregados de educação a começarem a conversar sobre assuntos de saúde sexual e reprodutiva com as meninas, a partir de cinco anos de idade, abordando assuntos apropriados para cada fase.

"Cada fase tem um tipo de conversa apropriada. Com as crianças entre cinco e seis anos, a conversa deve ser sobre a prevenção do abuso sexual, dos nove aos 11 anos, elas devem ser preparadas para a primeira menstruação e para as transformações que vão ocorrer no seu corpo, dos 12 aos 15 anos, as meninas, geralmente, iniciam o namoro e, nesta fase, é preciso que se converse com elas para adiarem o início da actividade sexual", explicou.

Para as adolescentes e jovens que já iniciaram a actividade sexual, é preciso que os pais falem muito sobre a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez, acrescentou.

Apelou igualmente para o envolvimento activo de todos na desmistificação de crenças à volta do uso de métodos contraceptivos pelos adolescentes de modo a remover barreiras no acesso à saúde sexual e reprodutiva por parte das raparigas.

## "Tapar o sol com a peneira"

Por seu turno, Maira Domingos, directora de Programas do Fórum Mulher, comparou a resistência dos pais ao conhecimento de assuntos ligados à saúde sexual e reprodutiva com a atitude de tapar o sol com a peneira, porque os adolescentes iniciam a actividade sexual cada vez mais cedo.

Com o desenvolvimento tecnoló-

gico, o acesso à informação de forma descontrolada, através de várias plataformas digitais de que os adolescentes e jovens são os maiores usuários, agrava o cenário, porque não há uma boa interpretação dos conteúdos.

Alertou os pais e encarregados de educação para um diálogo aberto com os filhos.

"Muita informação é disponibilizada no *Whatsapp* e *Facebook*, sem nenhum controlo. Entretanto, nos espaços onde os adolescentes poderiam ter informações correctas, como nas escolas e no seio familiar, tal não acontece como deve ser, por resistência de alguns pais", explicou. Afirmou que a gravidez precoce perpetua a pobreza, porque muitas crianças nascidas num ambiente de vulnerabilidade não têm acesso aos serviços de saúde e educação de qualidade.

Gera-se, prosseguiu, um ciclo de pobreza que afecta directamente o desenvolvimento do país.

Para Domingos, o governo e as famílias devem apostar mais na educação das raparigas, pois o conhecimento obtido na escola permite que elas tomem decisões conscientes em relação ao seu corpo. "A gravidez precoce está directamente ligada à educação, como apontam alguns estudos, porque, à medida que as raparigas são escolarizadas, a prevalência da gravidez precoce tende a reduzir", enfatizou.

Afirmou que todas as campanhas feitas no sector da prevenção da gravidez precoce devem começar pela educação das raparigas e famílias, visando a quebra de algumas crenças culturais nocivas.